

CONCEITOS E TEORIAS

a brincadeira das ciências humanas

Heloisa Pait

Professora de Sociologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Doutora em Sociologia pela New School for Social Research

QUANDO ENTRAMOS NA FACULDADE, NOS enchem de conceitos e teorias. Mas o que são essas coisas exatamente? Conversando com uma caloura outro dia, senti a necessidade de melhor definir termos básicos que aparecem num curso de graduação nas várias ciências humanas, mas que muitas vezes não são explicados didaticamente: conceitos, teorias, disciplinas e estudos.

Começemos pelo mais básico e difícil, que é “conceito”. O conceito, em ciências sociais, que é minha especialidade, está apenas a um nível acima, na escala de abstração, dos tantos termos que usamos na linguagem corrente, cotidiana. Quando falo em escala de abstração, penso em patamares que vão do mais concreto até o mais abstrato, inspirada nas etapas de desenvolvimento que Jean Piaget propôs para entender o modo como aprendemos. Assim como Piaget, não acredito que se possa pular para patamares mais abstratos sem antes

dominarmos os conhecimentos mais imediatos, mais perto de nossa experiência. E uma das maiores confusões que podemos fazer é nos perdermos nesses patamares, como se estivéssemos numa escadaria de Escher.

Vejam alguns exemplos. “Cultura” é um conceito. Usamos no dia a dia inúmeros termos para nos referirmos a aspectos da vida humana; por exemplo, festa, música, religião, leitura, dança ou refeição. Esses termos já são um tanto abstratos. Festa pode se referir a inúmeras atividades, tais como casamento, Carnaval ou procissão, que juntamos num termo genérico, uma vez que todas agregam muitas pessoas e têm caráter de celebração e tradição. Se subirmos um degrau em nossa escala, e juntarmos festa a outros termos que por sua vez também agregam várias coisas, teremos um conjunto de atividades humanas simbólicas a que chamamos de cultura. Com esse conceito, podemos comparar a cultura

de um povo com a de outro, ou observar a mudança na cultura de um país. “Cultura”, como conceito, é um instrumento, portanto, que usamos para pensar melhor sobre um determinado assunto, um termo que ajuda a comparar coisas sobre as quais, sem essa abstração, seria bem difícil raciocinar. Ou seja, o conceito de cultura é uma ferramenta para pensar sobre festas, música e outras atividades simbólicas humanas diversas, tornando esse todo mais simples e manejável.

Outro conceito? Classe social. Podemos falar em pedreiros, caixas de banco, faxineiras e tipógrafos. Mas também nos referimos a um grupo todo de trabalhadores, ganhando em síntese e perdendo em detalhes. Essa ideia, a de “classe trabalhadora”, pode nos ajudar a entender quem compõe uma sociedade; como essa classe se transforma ao longo do tempo, com a introdução de novas tecnologias, por exemplo; qual sua participação política; e assim por diante. Podemos investigar se indivíduos que não eram vistos inicialmente como trabalhadores, tais como médicos ou professores, hoje se veem “proletarizados”, ou seja, iguais aos demais trabalhadores braçais ou técnicos, e ainda se isso é algo aceito pela sociedade ou visto como um problema. Usando o conceito de classe social, podemos compreender melhor as características desse grupo, tais como sua solidariedade interna, seu tamanho ou sua ação coletiva.

Classes sociais e culturas não correspondem exatamente a pessoas ou fenômenos do mundo real. São ideias que construímos a partir de uma realidade fragmentada que assim nos aparece de modo mais ordenado, sintético, passível

de reflexão. São instrumentos para pensar, assim como os termos do cotidiano que mencionei acima nos ajudam a entender o mundo que nos cerca. Tendo a mesma natureza que as ideias abstratas usadas no cotidiano – ferramentas de síntese –, os conceitos apenas estão um degrau acima mais abstratos, mais distantes da experiência sensível. Como a vida humana em si tem um forte componente simbólico, você pode encontrar pessoas que falem, elas mesmas, de sua cultura, ou trabalhadores que afirmem ser membros da classe operária. O objeto das ciências sociais é o ser humano, com seus valores e suas teorias de si. Isso deve maravilhá-lo, mas não confundi-lo.

Quanto mais conceitos você conhecer, melhor. Há aqueles alunos que se encantam por um conceito e acabam vendo o mundo todo através dele. É bom ter um repertório conceitual vasto, diverso, pois aí você vai conseguir compreender a realidade que se apresenta em toda a sua complexidade, fazendo uso de um ou outro conceito conforme lhe pareça mais adequado. É importante buscar cursos, leituras e experiências que possam expandir esse repertório. Pense nos conceitos como os bloquinhos de brinquedos educativos, que permitem que a criança construa coisas distintas com o mesmo material, apenas rearranjando-os. Dado o dogmatismo que impera em nossos cursos de ciências humanas, é possível que ao longo dos quatro anos de faculdade você só ouça falar em classe social, gênero, capitalismo e patriarcado. Penso ser razoável, entretanto, que ao final de quatro anos o aluno domine uma dúzia de conceitos e tenha alguma familiaridade com mais outra dúzia.

Será que devo oferecer uma lista? Tentemos: grupos, colaboração, conflito, projeção, comunicação, lugar, memória, outro, representação, publicidade e privacidade, linguagem, redes, cultura, individualidade, impessoalidade, poder, trabalho e significado. Essa é minha lista, *a posteriori*, sobre alguns conceitos que seriam úteis para um cientista social. Provavelmente sua lista será distinta, mas o importante é você ter uma lista de termos básicos, que possam ser usados em contextos distintos, conforme a realidade se apresente. Outra metáfora possível é que cada conceito é uma peça de roupa. Imagine que chatice seria se você tivesse apenas três ou quatro peças de roupa, para usar a cada semana. A vestimenta – seu texto, suas análises – estará sempre pouco apropriada ao ambiente, pois você não terá acesso a roupas adequadas para cada momento.

Já teorias são outra coisa. São articulações entre conceitos. Nas ciências humanas, com exceção da economia, usamos pouco leis, como lei da gravidade, lei de Gresham ou a conhecida lei da oferta e procura, portanto vou deixar para falar das leis mais adiante, e me concentrar nas teorias por ora. As teorias da educação, por exemplo, que ficam entre as humanidades e as ciências da vida, explicam como as pessoas aprendem. Vejam que aí eu usei um verbo, *aprender*. A teoria vai falar de um movimento, ela vai propor explicações sobre como chegamos de um ponto A a um ponto B. No caso, vai explicar como alcançamos o conhecimento, que é, este sim, um conceito. Teorias do desenvolvimento econômico vão buscar compreender como uma sociedade expande suas

atividades econômicas. Novamente, a teoria explica um movimento a respeito de coisas agregadas, abstratas, genéricas, tais como a atividade econômica. Se você está familiarizado com o pensamento de Wilfred Bion, pense nos conceitos como pensamentos, e nas teorias como o pensar. Ou seja, os conceitos são os pontos, as imagens mentais, as ideias que temos, e as teorias são as conexões entre essas ideias todas, que têm um caráter dinâmico, relacional.

As teorias devem ser gerais. Pode haver diferenças entre como a Mariazinha e o Pedrinho aprendem, mas boas teorias conseguem lidar com uma gama enorme de fenômenos. Não há uma teoria sobre o aprendizado da Mariazinha e dela apenas, a não ser que você consiga ver na Mariazinha uma pessoa tão complexa, tão repleta de pensamentos e conexões, que possa querer explicar a conexão entre esses pensamentos usando uma teoria. Há um psicanalista brasileiro que fez isso, o Dr. Fábio Herrmann, com sua teoria dos campos, que para mim faz todo o sentido. Mas ele não explica “a” Mariazinha, e sim propõe que vejamos os indivíduos como dotados de tantos pensamentos distintos que caberia ao psicanalista teorizar sobre como eles se organizam entre si, qual o padrão dos pensamentos e de suas conexões, e como esse padrão evolui com o tempo. Ou seja, a teoria aí não seria sobre um indivíduo, mas sobre uma gama enorme de conexões que moram naquele indivíduo. O campo, se não me falha a memória, é a organização mental específica que se apresenta ao analista num certo momento. De modo geral, então, uma teoria é um esforço de compreender

como os conceitos se relacionam entre si. As teorias, no meu entender, estão no mesmo nível de abstração dos conceitos; elas ligam os conceitos uns com os outros. Por isso, se você ainda não tem claro o que é um conceito, poderá se perder nas teorias; faça um esforço nessa aprendizagem mais elementar.

E as disciplinas? Não sou a melhor pessoa para explicar o que são disciplinas, pois vivo trombando em paredes disciplinares, como se não as enxergasse. Acredito que disciplinas sejam formas históricas de agregar teorias. Ou seja, quando há uma porção de teorias sendo construídas mais ou menos pelas mesmas pessoas e em contato umas com as outras, isso forma uma disciplina. As teorias têm base na realidade humana que é o objeto das teorias sociais; as disciplinas têm base social e institucional, a partir da qual as teorias são produzidas. Poderíamos, hipoteticamente, ter disciplinas muito distintas do que temos hoje, abraçando a mesma realidade social. As disciplinas são arbitrárias, enquanto as teorias e os conceitos

referem-se à realidade vivida. Como nas ciências humanas o objeto se confunde com o pesquisador, podemos também achar que a disciplina tem base real, afinal o social não é nosso objeto? Aí é importante lembrar que a base social da disciplina é apenas no seu fazer, no fazer da própria ciência, e não no que ela observa, examina, explica.

Como a realidade é complexa e muitas vezes é preciso lançar mão de teorias de várias disciplinas para entender um fenômeno, criaram o termo “estudos”, para se referir à investigação interdisciplinar, ou seja, aquela que usa teorias de várias disciplinas. Então temos, por exemplo, “estudos da América Latina” e “estudos da televisão”. Essencialmente os estudos demarcam um objeto de investigação específico, tal como uma área ou um aspecto da vida humana, e lançam mão de recursos de várias disciplinas para compreendê-lo. Para entender a América Latina, são necessários conceitos e informações de história, de economia, de literatura, de ciência política, e assim por diante. Mas não há uma teoria

“

a realidade é complexa e muitas vezes é preciso lançar mão de teorias de várias disciplinas para entender um fenômeno

da América Latina, assim como não há uma teoria da Mariazinha. Há um campo a ser estudado, e os “estudos” definem esse campo de investigação. Claro que podem surgir dos estudos latino-americanos conceitos interessantes, que podem alimentar outras disciplinas ou exigir uma nova disciplina geral, mas esse último caso é raro; novos departamentos atendem principalmente a necessidades institucionais. “Estudos judaicos”, por exemplo, é um termo interessante, pois fica a dúvida sobre estarmos nos referindo ao exame das comunidades judaicas ou aos estudos realizados por essas comunidades. Nas ciências sociais e humanas, em verdade estamos sempre pulando de um plano para outro, por isso sempre se pergunte de modo muito claro sobre o que e a partir de onde você fala.

Podemos delimitar assuntos mais específicos, como, por exemplo, “estudos da televisão”, que usam recursos da antropologia, da economia e da comunicação. Não há teoria da televisão, mas alguns conceitos específicos surgiram quando se começou a levar a sério esse aspecto da cultura contemporânea, ou seja, o conjunto de práticas simbólicas ao redor da televisão. Cito os conceitos de “*monitoring*”, de Stanley Cavell, e de “*screen*”, de Samuel Weber, que podem ser empregados em outros estudos além da televisão. Começamos a entender a experiência da internet usando conceitos já propostos para compreender outros meios: a disciplina da comunicação se expande conforme a comunicação em si se transforma. Ainda nessa área, a respeito dos suportes materiais da comunicação, Gumbrecht falará, inspirado na Escola de Toronto, em “materialidade”,

pois, para um estudioso da comunicação, é útil ter um termo abstrato que abranja todos os suportes específicos, com propriedades em comum, mas nada impede que o historiador, por sua vez, use esse conceito, se for ajudá-lo a identificar rupturas históricas.

* * *

Nas ciências exatas, como disse, falamos bastante em leis, ao contrário do que fazemos nas ciências sociais. Leis e teorias também estão no mesmo nível de abstração, ou seja, relacionam-se com a realidade do mesmo modo. Leis são asserções mais simples, que envolvem poucos conceitos, e teorias são conjuntos de leis com pressupostos comuns. Uma lei sociológica, por exemplo, seria a de que tendências individuais à imitação e à diferenciação criam modas, como sustenta Simmel. Uma teoria sociológica seria um conjunto de leis que partem de princípios semelhantes: a sociologia formal de Simmel seria um exemplo de teoria sociológica. Outra diferença importante entre as ciências exatas e as sociais é que nas ciências exatas os nomes próprios indicam um universo real limitado por algumas condições. Assim, a física newtoniana diz respeito ao mundo real, ainda que limitado por alguns constrangimentos que, no século XX, foram levantados. A física newtoniana é válida dadas determinadas condições, e poucos físicos modernos a questionariam, dadas essas condições. Nas ciências sociais, a sociologia marxista, a filosofia arendtiana, a teoria foucaultiana dizem respeito ao universo pessoal específico do autor e guardam relação mais

tênue com o mundo real. Desta forma, em condições completamente distintas, essas teorias continuam sendo empregadas como se válidas ou, melhor dizendo, aceitas como dogmas, não sendo compreendidas como casos particulares de uma realidade mais complexa que novas teorias abarcam. Há uma confusão entre a exploração do mundo conceitual de um pensador e a realidade humana mais ampla, que não se resume ao mundo social no qual ele habitou. Por exemplo, uma vez ouvi numa palestra uma filósofa bradando contra nossa ignorância a respeito dos males da tecnologia. Um interlocutor ponderou: “Olha, talvez o filósofo alemão que a inspira tenha identificado algum aspecto relevante na sua sociedade, mas hoje, depois das bombas atômicas, da Guerra Fria e de seguidos desastres ambientais, ninguém ignora os riscos que a tecnologia traz para nossa vida na Terra”. Ou seja, o mundo conceitual de alguns autores muitas vezes paira sobre nossa realidade, ao invés de nos ajudar a pensá-la.

Esse risco é mais um motivo para privilegiar as unidades básicas do saber no seu aprendizado, pois o risco de apenas repetir dogmas, ao invés de aprender a pensar, é bem alto nessa área do saber. Em geral, as teorias nominais nos chegam como pacotes completos, com sua metodologia, seus princípios, posições políticas, objetos de estudo, questões de pesquisa e até mesmo respostas já prontas. A estrutura conceitual é exatamente a mesma para qualquer pesquisa, esteja você estudando as mulheres trabalhadoras do século XIX, os *hackers* do século XXI, a medicina do século XX ou, na verdade, qualquer outra coisa. Isso não

quer dizer que você deve jogar fora tudo o que propõe um autor que foi apropriado dogmaticamente: uma boa leitura de um autor, mesmo o mais endeusado, é aquela que consegue pinçar de sua obra conceitos relevantes, ajudando a propor novas explicações sobre o mundo social. Se você usa todos os conceitos do autor e exatamente da mesma forma como ele o fez, na verdade você não faz jus ao próprio esforço desse autor para compreender o mundo social.

Às vezes se usa o termo “teoria” para reflexões abstratas, mais parecidas com a filosofia do que com uma ciência. No direito, nas artes, no cinema, penso que faz sentido falar em teoria apenas de modo genérico, mas não em conjunto de leis que explicam um certo fenômeno. São áreas de caráter distinto das ciências sociais, pois aí o objeto não é o ser humano e as relações sociais, como na economia, na psicologia, e nas ciências sociais *stricto sensu*. São áreas da atividade humana mais parecidas com o que Arendt chama de *vita activa*, fins últimos da atividade humana, com caráter mais moral ou estético que de investigação a respeito de como as coisas se dão. Você pode, portanto, ter uma filosofia do direito ou do cinema, uma reflexão a respeito do justo e do belo, mas não saberia, talvez por não ser minha área, como teorizar a respeito de algo que é intrinsecamente humano, ou seja, que exige uma apreensão de significado, mas não a identificação de leis gerais. O ato de aprender, claro, também é humano, mas este é um fato de nossa vida, é uma atividade que temos em comum com os mamíferos: estudar o aprender é examinar nossa condição vivente. O modo

“

bons cientistas [...] reconhecem
o pensamento dos cientistas
anteriores e apenas apontam-lhe
as limitações, que são naturais na
evolução da ciência

como desenvolvemos a ética é um assunto a ser estudado cientificamente, mas a ética em si, acredito, pode ser pensada, mas não explicada.

Será que o termo “teoria” está sendo usado de modo muito genérico hoje em dia? O que é “teoria do cinema”, “teoria dos meios de comunicação”, “teoria feminista” ou “teoria *queer*”? Ou será que estou sendo conservadora, recolocando os reparos que cem anos atrás a própria sociologia enfrentou? Existem certamente várias teorias da comunicação, que formam uma disciplina, com alguns conceitos sendo mais apropriados a um meio do que a outro. Mas seria estranho falar de uma teoria inteira que serve só para a TV e não para rádio de pilha, pois o fenômeno principal da disciplina é a comunicação humana. Mesmo “teoria dos meios de comunicação” não me parece adequado, pois o fenômeno de que tratamos é a comunicação, independentemente de usarmos a fala ou o microfone. O fenômeno examinado é a linguagem na prática, as pessoas no exercício dessa linguagem. Já teorias da linguagem em

si se refeririam a um outro campo, ainda que relacionado, pois aí a estrutura da linguagem é que seria o objeto central. E a “teoria feminista”? Novos conceitos surgem de uma nova mirada na sociedade, atenta às relações entre homens e mulheres, mas em que sentido essa nova mirada vê algo distinto da sociologia? O objeto, tais como as interações sociais, a formação de grupos e as hierarquias, me parece o mesmo. Talvez o feminismo proponha de fato uma nova teoria, na medida em que trabalha de modos distintos com as categorias de público e privado, além de trazer a óbvia categoria de gênero à mesa. De qualquer modo, o feminismo ou os estudos de gênero podem ajudar a enxergar coisas que ficaram abafadas por uma visão limitada da vida social por parte da sociologia convencional, e podem fornecer conceitos importantes para a sociologia em geral, apesar de óbvias continuidades.

Um dos pioneiros da sociologia, o berlinense Georg Simmel, analisa em detalhe a cultura feminina e os modos particulares de constituição da

individualidade feminina: fica claro que ele usa as mesmas ferramentas para falar dessa constituição para homens e mulheres, mas consegue enxergar diferenças entre as formas como essa constituição se dá: esse me parece o caminho certo. Carol Gilligan, quando critica Piaget por não ter enxergado possíveis distinções entre a formação moral feminina e a masculina, emprega os mesmos métodos e conceitos do pai da psicologia da educação para compreender tais diferenças: ela está expandindo o alcance da teoria dele, como se criasse uma lei geral, colocando os estudos de Piaget como leis particulares, assim como Keynes fez com a economia clássica, e Einstein, com a física clássica. Keynes desmereceu o trabalho de Pigou, assim como Marx o de Bentham, criando o que em inglês se chama de *straw man* (“uma asserção intencionalmente distorcida apresentada por ser mais fácil de atacar que o argumento do interlocutor”, em minha tradução da definição do *New Oxford American Dictionary*). É da natureza humana querer superar nossos antepassados, mas o ideal é fazer isso com respeito e até deferência: esses espantalhos não ajudam nossos leitores a entenderem o alcance de nossas ideias, e quando eles se dão conta de que os autores que criticamos tinham seu mérito, podem nos abandonar com ódio, como fizeram muitos marxistas no passado ao se darem conta da beleza, simplicidade e profundo senso ético das ideias liberais.

Portanto, independentemente de você considerar estudos de gênero ou sexualidade como teorias independentes ou apenas como empregos de teorias sociais, uma boa ideia seria evitar o desmerecer

das teorias nas quais esses novos estudos se apoiam: bons cientistas não se colocam contra a física newtoniana ou as leis das vantagens comparativas de Ricardo, e muito menos contra os cientistas que as criaram. Eles reconhecem o pensamento dos cientistas anteriores e apenas apontam-lhe as limitações, que são naturais na evolução da ciência.

Aos estudantes, sugiro então concentrar-se no estudo profundo e variado dos conceitos, investigar como esses conceitos se relacionam em teorias sem ter muita preocupação com as disciplinas, e buscar seu objeto específico em algum “estudo”. E fazer isso tendo em mente que os conceitos estão aí para ajudar você a entender uma realidade complexa, e não enfiá-la numa camisa de força, e também tendo em mente que esses conceitos podem ser articulados de várias formas, como um brinquedo de monta-monta, ou como os gestos de uma dançarina. Eles não precisam aparecer todos compactados como um tijolo de maconha desses que de tanto em tanto tempo a gente vê apreendido na TV. Pense numa teoria como uma estrutura geodésica feita de vários conceitos interligados, alguns de uma disciplina, outros de outra e outros que talvez você mesmo vá criar. Numa aula recente, para ilustrar o que eu dizia, pinteí algumas bolinhas de pão de cores diversas, e fui conectando as bolinhas com palitos de dente, para explicar como os conceitos podem se organizar em teorias: as bolinhas seriam os conceitos, e os palitinhos, unindo-os em relações, as leis ou teorias. Vá escolhendo suas bolinhas e imaginando como os palitinhos podem conectá-las. E boa diversão! 